

CEDI

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal do Brasil Class.: 19

Data 12 de fevereiro de 1989 Pg.: \_\_\_\_\_

## Balbina começa a funcionar em 15 dias

<sup>190</sup>  
Apesar da crítica dos ecologistas, a turbina vai girar

Francisco Pacifico

Depois de sucessivos adiamentos, a inauguração da usina hidrelétrica de Balbina, que estava prevista para o final do ano passado, está sendo prometida pela Eletronorte, responsável pela sua operação, para os próximos 15 dias. Mas dessa vez, sem a presença da imprensa ou de autoridades. E principalmente longe dos críticos — ecólogos, antropólogos, engenheiros, que consideram a represa, a 146 quilômetros de Manaus, uma das maiores agressões ao ecossistema da Amazônia, além de um desastre econômico.

As informações oficiais indicam que Balbina deve custar US\$ 1,55 bilhão e gerar até 1990, se não houver atrasos em seu cronograma, 250 mil quilowatts, o que cobrirá 50% das necessidades de Manaus. Para isso, será necessário inundar uma área de 2.340 quilômetros quadrados, equivalente ao lago da represa de Tucuruí, que vai produzir 32 vezes mais energia que Balbina, ou seja 8 milhões de quilowatts.

Não ficam apenas no aspecto financeiro as críticas contra Balbina. A obra também é censurada pelos danos causados ao meio ambiente, que afetam todo o ecossistema da região com a formação de um lago de 2.360 quilômetros quadrados. A inundação aconteceu antes da retirada das árvores, provocando a fermentação, que além de enviar gases tóxicos à atmosfera, certamente contribuirá para a degradação acelerada das turbinas da própria hidrelétrica, ocasionando um custo de manutenção exagerado. Para se ter uma idéia, cada quilowatt de energia de Balbina sairá três vezes mais caro que o da usina de Tucuruí, no Pará.

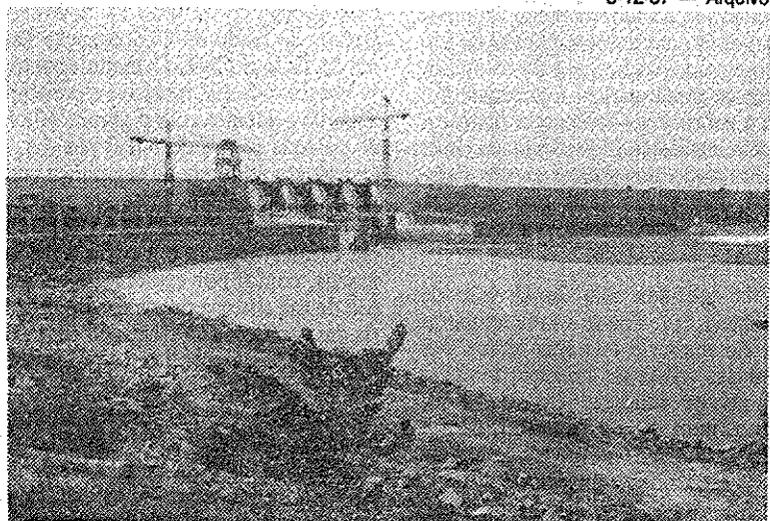
**Animais sitiados** — Philip Fearnside, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), acredita que a construção de Balbina e de outras hidrelétricas na região provocará danos irreparáveis. A operação de resgate dos animais que viviam na área de Balbina, por exemplo, não foi realizada a tempo. Centenas, ou até milhares de animais,

segundo Fearnside, devem ter ficado sitiados nas inúmeras ilhas que se formaram com o lago e não têm condições de sobreviver, ao contrário do que afirmou a direção da Eletronorte dois meses atrás.

As ilhas foram formadas em consequência da geografia da área, que não permitiu uma inundação uniforme como anunciou antecipadamente a empresa responsável pela obra. Phillip Fearnside também contesta as afirmações de que o lago poderá vir a ser um criadouro natural e servir para o desenvolvimento de pesquisas e projetos com os animais da região. Para o pesquisador, não existe nenhuma dúvida de que a fermentação de milhões de metros cúbicos de madeiras deixados no fundo do lago não permitirá a sobrevivência de animais.

Com o fechamento das comportas de Balbina em outubro do ano passado, os 350 índios uaimiri-atroaris, que no início da década de 70 contavam mais de 3 mil, viram sua reserva sofrer a terceira redução dos últimos 10 anos. Primeiro, a reserva idealizada — mas até hoje nunca realmente demarcada — foi atingida pela construção da rodovia BR-174, ligando Manaus a Boa Vista, em Roraima. Depois, com a instalação da mina de cassiterita do Pitinga, da Mineração Taboca e subsidiária do grupo Paranapanema, os índios perderam 1 milhão e 850 mil hectares dos 2 milhões e 966 mil a que teriam direito. De acordo com os dados recentemente fornecidos pela Funai e pela Eletronorte, o lago da hidrelétrica deve estar ocupando agora pelo menos 3% da reserva ainda a ser demarcada.

**Tradição** — Estes mesmos dados são contestados pelo Conselho Indígenista Missionário (Cimi) e por um documento elaborado por técnicos da própria Eletronorte sobre estudos feitos no período de agosto a dezembro de 86. O documento denominado "Levantamento sócio-cultural da população indígena uaimiri-atroari", datado de 19 de novembro de 86, contém recomendações dos técnicos para maiores investigações sobre a formação do lago e sobre o tamanho do território a ser alagado, além do alerta de que a área então habitada pelos índios das aldeias Taquari e Tapupunan, no Rio Uatumã, era de ocupação tradicional desses povos.



A hidrelétrica de Balbina vai inundar 2.340 km<sup>2</sup>

Para o indigenista Egidio Schade, a informação é correta. Egidio lecionou com a esposa Dorothy durante oito anos na reserva uaimiri-atroari, de onde foi expulso no final de 1987 após divulgar críticas à construção de Balbina e à administração regional da Funai.

Arivaldo Paulino Dutra, funcionário da Funai na reserva, afirmou que na época da transferência alguns índios foram levados ao reservatório da hidrelétrica de Tucuruí, no Pará, para sentirem o que iria acontecer com suas aldeias. "Ou saem ou morrem", sentenciou o funcionário. Já o superintendente regional da Funai, na época, Sebastião Amâncio, garantiu que não ocorreriam prejuízos aos índios com a transferência.

Em 88, depois de várias denúncias contra Balbina e alertas sobre os prejuízos consequentes, foram realizados inúmeros debates e encontros para analisar a questão. Alguns dos encontros, promovidos pela empresa de Manaus, deixaram evidentes os riscos representados pela construção da usina, mas nada foi modificado no cronograma da obra, iniciada em 1975 e que atrasou por falta de recursos financeiros, como admite até hoje a direção da Eletronorte.

**Repasse** — Até mesmo o Conselho Consultivo sobre o Meio Ambiente, da Eletrobrás, deslocou-se para Manaus. No final de dois dias de reuniões, três dos membros do Comitê Eunice Paiva, advogada dos índios paracanãs quando da construção da hidre-

létrica de Tucuruí, afirmaram que iriam exigir do Banco Mundial, como financiador da obra, suspensão dos repasses de recursos à Eletronorte. Era tarde, os equipamentos já estavam adquiridos e faltava apenas construir a usina.

Na época, as autoridades locais questionaram o comportamento dos ecologistas, mas depois o próprio governador do estado, Amazonino Mendes, chegou a declarar que Balbina era um erro irreparável. A declaração foi completada pelo comentário do coordenador de planejamento da Eletronorte, José Antonio Muniz Lopes, garantindo que, naquela ocasião, ninguém teria coragem de determinar a construção de Balbina.

No momento em que a unidade geradora número 1 de Balbina entrar em funcionamento, Manaus passará a receber a energia da usina. Por enquanto ainda estão sendo concluídas as montagens eletromecânicas da linha de transmissão e da subestação da hidrelétrica, trabalho que também já sofre atraso por causa das chuvas que castigam a região.

A unidade número 2 será testada no dia 15 e deverá estar pronta para entrar em funcionamento. E a Eletronorte não dá informação sobre os prazos para a entrada em operação das outras três unidades que compõem a usina, mas já se comenta que isso só deverá acontecer no final do próximo ano.